

18 DEZEMBRO 2016 N. 1282

# MAGAZINE

NOTÍCIAS

*Helena Ribeiro Telles viveu onze anos em Moçambique. Os meninos de rua daquele país tornaram-se a sua causa.*

## GENTE QUE SALVA VIDAS

NÃO SE ACOMODAM À VIDA CONFORTÁVEL QUE TÊM NEM SE CONFORMAM COM A INJUSTIÇA DAS VIDAS DIFÍCEIS COM QUE SE CRUZARAM NO MUNDO. CINCO PORTUGUESES QUE FAZEM A DIFERENÇA.

REPORTAGEM

Marta Baeta, 27 anos,  
criou na maior favela do mundo,  
no Quênia, a associação  
From Kibera With Love.

# PORTUGUESES



**MARTA**

está numa favela no Quénia a ajudar  
76 rapazes e raparigas a estudar.

**FERNANDO**

passa temporadas na Birmânia  
a garantir que crianças com cancro  
tenham acesso ao hospital.

**HELENA**

ajuda meninos das ruas de Moçambique.

**TERESA**

apoia órfãos da sida também  
em Moçambique.

**CARLOS**

faz cirurgias de guerra no Sudão.  
Todos sentem que há muito por fazer.

Texto Catarina Guerreiro

QUE MUDAM VIDAS



## FERNANDO PINHO

BIRMÂNIA

**F**oi também a vontade de ajudar a mudar um bocadinho o mundo que levou Fernando Pinho, de 40 anos, a passar noites inteiras em aeroportos europeus. Queria chamar a atenção para o seu projeto solidário: ajudar as crianças com cancro da Birmânia que não têm dinheiro para chegar ao único hospital oncológico pediátrico do país – o Yangon Children's Hospital. Conseguiu: angariou dinheiro, montou uma organização não governamental (ONG) e este ano avançou com um projeto-piloto dando apoio a 140 destas crianças naquele país do Sul da Ásia. Além disso, ele e a sua equipa de voluntários deixaram lá um fundo financeiro para que o hospital possa ajudar mais duas crianças por dia. Ao todo, haverá 2700 para tratar.

«Na Birmânia, 90 por cento das crianças com cancro não são tratadas porque não têm forma de ir ao hospital. Demoram entre um e quatro dias na viagem e não têm dinheiro, pois muitas famílias têm apenas um euro por dia. Nós garantimos o transporte», explica Fernando, adiantando que a experiência já revelou boas notícias: os miúdos estão a fazer mais do que a primeira sessão de quimioterapia, o que até agora era quase impossível, pois os poucos que iam ao primeiro tratamento não voltavam para o segundo. Muitas famílias vendem tudo para pagar as deslocações.

A ideia de ajudar estas crianças surgiu-lhe por acaso, quando conheceu a World Child Cancer.

No ano de 2013, a sua vida deu uma volta enorme ao ter desistido do sonho de ser produtor de teatro para ajudar os outros. A opção de vida começou a surgir na sua cabeça há onze anos. «No dia dos meus anos, o meu pai contou-me que o meu irmão mais novo tinha leucemia. Caiu-me a ficha.» Envolveu-se no combate à doença do irmão e, entretanto, desistiu da carreira que tinha na Sonae, onde estava desde que acabara o 12.º ano, e foi para Inglaterra, em 2006, estudar arte para a The Guildhall School of Music and Drama, uma das melhores escolas do mundo. Produziu musicais, como o *Last Five Years*, e até fez parte da equipa da *Flauta Mágica* para a Royal Opera House, mas em 2013, depois de a filha Amélia nascer, sentiu de novo vontade de mudar e abdicou da carreira. «Apesar de gostar muito de arte, senti que a minha missão era fazer algo pelos outros.»

Foi aí que, nos contactos feitos, descobriu a World Child Cancer. Quando soube o que se passava na Birmânia, ficou chocado. Contaram-lhe que havia falta de transportes, como aos 18 anos tinha tirado um curso de piloto em Portugal, percebeu que era esse o seu destino. Montou ele próprio uma ONG que batizou de *Amélia* – e que entretanto se passou a chamar *Please Take Me There* por se ter internacionalizado – e hoje dedica-se em exclusivo a este projeto solidário ([www.projetoamelia.org](http://www.projetoamelia.org)).

Não ganha nada, conta com a ajuda da mulher, advogada, com quem vive em Inglaterra. Basta-lhe a felicidade de salvar vidas, maior do que a frustração de sentir que há ainda tanto por fazer.



Em fevereiro, ao sair de uma reunião num hospital birmanês, Fernando viu uma criança a chorar. Estava a fazer quimioterapia e vivia com a família há dois meses à porta da unidade de saúde. Pagou-lhe a viagem até casa. Desde então, a sua ONG assegura-lhe todas as viagens.